

CONFERÊNCIA “A CIMEIRA DA NATO EM VARSÓVIA E O NOVO AMBIENTE DA SEGURANÇA INTERNACIONAL”

23.VI.2016

INTERVENÇÃO

Senhor Ministro da Defesa Nacional,
Senhor Secretário-Geral Adjunto da NATO,
Senhor Presidente da Comissão de Defesa Nacional,
Senhor Presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhor Embaixador de Portugal junto da NATO,
Senhores Membros do Corpo Diplomático,
Senhores Oradores,
Distintos Convidados,

Gostaria, em representação do Senhor Presidente da Assembleia da República, de saudar de modo especial os distintos oradores e convidados de vários países membros da Aliança Atlântica e o Secretariado da Organização, que corresponderam ao nosso convite para a realização desta conferência em Portugal, deslocando-se a Lisboa, para discutir as perspectivas futuras abertas pela próxima cimeira da NATO.

A minha presença aqui, nesta cerimónia, significa o apreço profundo da Assembleia da República por esta iniciativa. Este debate é uma oportunidade de

reflexão única, a escassos dias da Cimeira, para alargar horizontes e estender a discussão aos mais diversos sectores do espectro político e da sociedade civil. Creio que o nosso sentido de missão sairá, assim, reforçado substancialmente através deste exercício.

A 8 e 9 de Julho, Varsóvia acolherá os Chefes de Estado ou de Governo dos 28 países que integram a Aliança Atlântica, que cobre a área de Vancouver à Capadócia, bem como de outros Estados que, com diferentes estatutos lhe estão associados.

A Cimeira de Varsóvia surge num momento crucial para a Aliança, desde logo porque as placas tectónicas da segurança euro-atlântica deslocaram-se a Leste mas também a Sul. A NATO está a implementar o maior reforço na sua defesa colectiva, desde o fim da Guerra Fria. Na Polónia, será traçado o rumo que a Aliança terá de seguir para se readaptar ao novo ambiente estratégico de segurança, de forma permanecer apta e pronta a defender os Aliados contra qualquer ameaça.

O pano de fundo é complexo.

O que distingue esta cimeira da última, ocorrida em Gales em 2014, é o agravamento preocupante e descontrolado da situação de segurança internacional e a acrescida pressão que recai sobre o Ocidente para lidar com ela.

O mundo é hoje mais perigoso e incerto do que era há dois anos. E não é preciso andar particularmente atento para deduzir isso.

- O terrorismo assumiu contornos hiperbólicos, estendendo-se ao coração da Europa;

- Irrompeu pelo espaço europeu adentro a maior crise de refugiados desde a II Guerra Mundial;
- O Iraque, a Síria e a Líbia tornaram-se fontes de instabilidade permanente e verdadeiras incubadoras do terrorismo jihadista, ódio e oposição à projecção dos valores democráticos;
- A Leste, os Acordos de Minsk têm ainda um longo caminho a percorrer para concretizar os seus objectivos;
- E numa outra dimensão, os ciber-ataques continuam sem dar tréguas às forças e serviços militares, policiais e civis dos países aliados, colocando as suas instituições vitais ao funcionamento das sociedades em ininterrupto risco.

Nesta era de indefinição e turbulência, a NATO propõe-se ser uma base estruturante na definição da arquitectura da segurança internacional. A Cimeira de Varsóvia poderá marcar um novo ciclo, marcado por uma Aliança credível e activa na projecção da estabilidade, da paz e de segurança ao grande espaço euro-atlântico mas também a todas as regiões circundantes.

Portugal, enquanto membro fundador da NATO, continua – como sempre – empenhado em participar, com vontade e dinamismo, na Aliança. Relembro que, mesmo durante uma das crises mais graves da sua história, Portugal não permaneceu indiferente à alteração da realidade internacional, soube ter a virtude de acompanhar as exigências que se colocaram à defesa e segurança internacional como garantiu a operacionalidade necessária – cumprindo todas as missões das Forças Nacionais Destacadas e honrando todos os compromissos de Portugal na NATO.

Nunca é demais lembrar que foi publicado, no início do ano, o Relatório Anual da NATO para 2015, segundo o qual, Portugal aparece no grupo dos 16 países

em que as despesas com a defesa cresceram face ao ano anterior, aproximando-se do compromisso assumido em Gales – gastar 2% do PIB em políticas de defesa.

Seria útil que nos concentrássemos novamente na reafirmação desse compromisso em Varsóvia.

Concluo, dizendo que a Cimeira de Varsóvia deverá consolidar o papel da NATO no espaço euro-atlântico, através da definição das suas missões e da reavaliação de novas tarefas na manutenção da estabilidade internacional. Creio que a NATO continua a ser uma referência incontornável da arquitectura de segurança internacional.